



carnaval

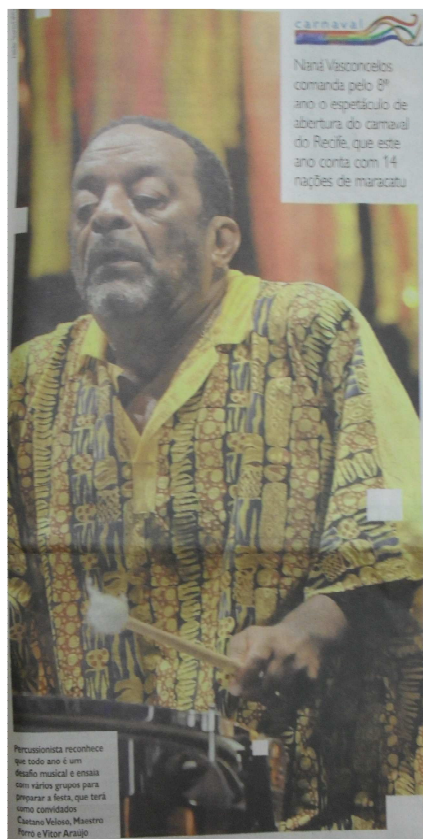
Hélder Tavares/DPDA Press

RAINHAS
A TRADIÇÃO DAS
MULHERES ABENÇOADAS
POR BABALORIXÁS OU
CATÓLICOS QUE LIDERAM
MARACATUS NO ESTADO
VIVER D5

**O domingo é de
Ivete Sangalo**

Os ritmos do carnaval de Pernambuco dividem o domingo com a baiana Ivete Sangalo, que faz show no Chevrolet Hall. Confira a programação completa da folia no Recife e em Olinda. VIDA URBANA C4 e C5

MESTRE DOS BATUQUEIROS



O percussionista Naná Vasconcelos nunca havia trabalhado com maracatu antes do convite do ex-secretário de cultura Roberto Peixe. Oito anos depois de estar no comando de um dos maiores espetáculos da abertura do Carnaval do Recife - quando lidera o baque de 14 nações de maracatus - ele consagra seus próprios códigos de mestre. No ensaio que vem realizando na Rua da Moeda, os batuqueiros se divertem com o mestre Naná. Ao seu grito de guerra: "tú-ma-ra-ca", as alfaías dão resposta com uma síncope de batidas diferentes do que executam tradicionalmente, dentro dos seus grupos. Naná levanta os braços e tremula as mãos; hora de ruíar os tambores. O percussionista canta uma loa inventada para a ocasião: os batuqueiros respondem cantando. Tudo ensaiado para o encontro que pode ser o último - articula-se ainda na gestão João Paulo Roberto Peixe - mas, ao que as mudanças deste ano indicam, será o melhor já experimentado pelas nações.

Na noite de abertura, quando já tiverem chegado ao palco do Marco Zero, as nações de maracatu se apresentam com uma novidade: terão, cada uma, pelo menos seis representantes que ficarão em cima de uma plataforma, com microfones para que seu baque possa ser ouvido ao



longe. Antes, a falta de microfonia para os tambores fazia com que o som, para quem não estivesse próximo ao palco, se transformasse numa massa sonora grave. Os maracatuzeiros reclamavam que eram muito menos vistos que as estrelas trazidas para a festa. Este ano irão acompanhar Maestro Forró, Vitor Araújo e Caetano Veloso.

"Todo ano é um desafio musical. Também pessoal, por ter que lidar com diferentes temperamentos de mestres, de músicos, com visões diferentes de união", reconhece Naná. Este ano, junto com o Núcleo Afro da Prefeitura do Recife, ele bolou uma fórmula de atender às expectativas do grupo. O destaque, além do formato novo da disposição dos batuqueiros no palco, será o coro de sete mulheres negras, que cantam em grupos percussivos de maracatus e afoxés. "A ideia era juntar figuras que cantam maracatu. A gente sen-

tia falta do canto de loas em cima do baque", diz a cantora Paes Brandão.

Naná diz que maracatu nunca foi um ritmo estudado dentro de sua percussão, pois sempre valorizou mais os timbres do que os ritmos. O folgado, no entanto, sempre fez parte da sua vida. Na infância, os baques ao longe lhe pareciam trovão. Ele lembra de sair às ruas de Sítio Novo, com a mãe, para ver o maracatu do mestre Veludinho. Hoje, diz se orgulhar do papel fundamental que teve para elevação do gênero a uma importância nunca antes vista pelo lado do poder público. "Antes, a entrega das chaves da cidade, do prefeito para o Rei Momo, era feita em cima de um trio, na Pracinha do Diário. Não tinha uma manifestação negra. O maracatu foi tirado da marginalização e colocado no centro do palco, mas até 2000 não era assim. Maracatu e afoxé eram coisas só da periferia", diz Naná.

Rainhas herdeiras da África

Coroadas nas escadarias das igrejas católicas ou sob a benção dos babarolixás, as líderes de maracatus mantêm a tradição



RECIFE DE ASSUMIÇÃO (1980)

Nagô, Nagô, a nossa rainha já se coroou...". A toada é comum a toda nação maracatu, esteja ela ligada ou numa linhagem de santo, como em os primeiros grupos surgidos em Recife. Remete a um ritual camunós falado, em tempo de ritos sem qualquer obrigação religiosa que o originou. A coroa das rainhas de maracatu já nos eventos da maior importância os grupos. Hoje serve para uma hierarquia, cujo respeito poderia ser devotado pelas rainhas (de coroas, digamos) se encobre diante das do concurso carnavalesco oficial de abertura da festa. Dentre as mais de dez de maracatu cataloga-

das recifenses, a ialorixá Dona Santa, eterna rainha do Elefante. Elda orgulha-se de ter sido a última rainha negra que foi coroada dentro de uma igreja católica, no ano em 1979. No ano seguinte, mãe Nadja, rainha do Leão de Campina, quis reviver a tradição das coroas abençoadas. Foi também coroada pelo pai-de-santo Raminho, outra vez nas escadarias da igreja do Rosário dos Pretos.

"Quando Marivalda ouviu Elda dizer que era a única rainha coroada, quis se coroar também, mas não numa igreja, já que não era católica, e sim por um babalorixá. Ela convidou Elda e depois Raminho, que era seu pai-de-santo. Depois quem nos procurou (no caso, o Núcleo Afro da Prefeitura do Recife) foi Mãe Nadja, rainha do Leão de Campina, que também não queria ser coroada por padre. Raminho e Elda então coroaram Nadja, foi uma das cerimônias mais bonitas, bem sincrética, com Raminho cantando uma ladainha para Nossa Senhora no final", relata o produtor Júnior Afro, coordenador do Núcleo Afro da Prefeitura



Marivalda Maria dos Santos, do Estrela Brilhante, foi coroada pela rainha Elda Ivo Viana, do Povo Rico, e pelo babalorixá Raminho Oxossi, pai-de-santo de maracatu.





MICHELLE DE ASSUMÇÃO / DIÁRIO
michellassumpcao@diariosassociados.br

“Nagô, Nagô, a nossa rainha já se coroou...”. A toada é comum a toda nação de maracatu, esteja ela ligada ou não a uma linhagem de santo, como estavam os primeiros grupos surgidos no Recife. Remete a um ritual cada vez menos falado, em tempo de maracatus sem qualquer obrigação com a religião que o originou. A coroação das rainhas de maracatu já foi um dos eventos da maior importância para os grupos. Hoje serve para traçar uma hierarquia, cujo respeito que poderia ser devotado pelas outras rainhas (de coroas, digamos, alegóricas) se encobre diante das disputas do concurso carnavalesco ou o desfile oficial de abertura da folia momesca. Dentre as mais de vinte nações de maracatu catalogadas pela Prefeitura do Recife, somente três têm rainhas coroadas. Não existe uma determinação que tenha que ser assim, mas a oficialização deste mandato “real” conecta rainha e súditos (batuqueiros e demais integrantes da corte) a um poder simbólico conquistado desde as coroações dos reis Congos.

Segundo artigo da pesquisadora Isabel Guillen, do departamento de história da UFPE, D. Antônio de Oliveira Guimarães foi o último Rei Congo coroado dentro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Uma ação do governo e da Igreja Católica para manter a comunidade negra, de certa forma, sob seu domínio. Depois da coroação de D. Antônio, que teria durado de 1848 até 1872, a igreja teria proibido o ritual. Pesquisas indicam que certos maracatus continuaram coroando suas líderes, as rainhas, diante das portas fechadas da igreja do Rosário dos Pretos.

Foi nas escadarias desta igreja, no ano de 2002, que Marivalda Maria dos Santos, já na função de rainha do Estrela Brilhante, foi coroada pela rainha Elda Ivo Viana, do Porto Rico, e pelo babalorixá Raminho de Oxossi, pai-de-santo de ambas. Somente uma rainha poderia coroar outra. A tradição teria começado com a figura mitológica dos mara-

catus recifenses, a ialorixá Dona Santa, eterna rainha do Elefante. Elda orgulha-se de ter sido a última rainha negra que foi coroada dentro de uma igreja católica, no ano em 1979. No ano seguinte, mãe Nadja, rainha do Leão de Campina, quis reviver a tradição das coroas abençoadas. Foi também coroada pelo pai-de-santo Raminho, outra vez nas escadarias da igreja do Rosário dos Pretos.

“Quando Marivalda ouviu Elda dizer que era a única rainha coroada, quis se coroar também, mas não numa igreja, já que não era católica, e sim por um babalorixá. Ela convidou Elda e depois Raminho, que era seu pai-de-santo. Depois quem nos procurou (no caso, o Núcleo Afro da Prefeitura do Recife) foi Mãe Nadja, rainha do Leão de Campina, que também não queria ser coroada por padre. Raminho e Elda então coroaram Nadja. foi uma das cerimônias mais bonitas, bem sincrética, com Raminho cantando uma ladainha para Nossa Senhora no final”, relata o produtor Júnior Afro, coordenador do Núcleo Afro da Prefeitura do Recife. Ele ressalta que a Prefeitura não tem nenhuma função de oficializar na religião a coroação das rainhas, mas auxiliou neste processo. Ele reconhece que o ritual funciona na valorização dos grupos. Mãe Ivanise, rainha do Encanto da Alegria, que faleceu em agosto do ano passado, também sagrou sua coroação através de um ritual conduzido pelo seu babalorixá, Manoel Papai.

Não é todo batuqueiro porém que vai reconhecer o poder das rainhas coroadas, seja por um padre, bispo ou babalorixá. “A rainha, o bom, é que seja no mínimo iniciada”, diz o mestre do Leão Coroado, Afonso Aguiar. Contrariando, talvez, Dona Santa - a mais famosa ialorixá e rainha de maracatu de Pernambuco - que teria começado seu reinado ainda quando era a matriarca do Leão Coroado. A rainha do Leão hoje é Gillene de Aguiar Neto, sobrinha de Afonso. “A rainha não precisa ser líder espiritual. O enredo do maracatu é que tem que ter uma rainha negra. O forte, o axé do maracatu está nas calungas”, diz Afonso.

Marivalda retruca. “Afonso não sabe disso, ele é só batedor de bombo, o maracatu caiu nas mãos dele por causa de Luis de França. Maracatu que é maracatu tem que ter rainha coroada e uma religião para acreditar”, sentencia.



Filha e neta de africanos, Maria Júlia do Nascimento foi a mais antiga e importante rainha de maracatu do estado

Nos passos de Dona Santa

Com flores ao longo do corredor que leva ao altar da igreja do Rosário dos Pretos, o cônego Miguel Cavalcanti coroou o casal de reis negros do maracatu Porto Rico, e do candomblé, Elda Ivo Viana e Nilso Crispin Gomes, no ano de 1979. Elda recorda que entrou de braços dados com seu rei, como num casamento. O órgão tocava músicas de igreja e o sacerdote celebrou uma missa católica, com dizeres de um batismo. "Me ajoelhei no altar, como uma noiva, depois assinei o livro, está lá nos documentos da igreja até hoje", conta Elda, sobre a coroação que a deixa crente de uma posição especial entre as rainhas de maracatu de hoje. Terminada a cerimônia, do lado de fora da igreja, Elda deparou-se com uma cena também pouco vista. Lá estavam os maracatus Elefante, o Estrela Brilhante e o dela, Porto Rico, rufando tambores em sua homenagem. "Tive uma queima de fogos, foi aquele batuque. Depois que o papa soube dessa história botou o padre Miguel para fora da igreja. Ele é vivo até hoje", conta Elda.

A babalorixá D. Elda Ivo Viana, 68 anos, é ebani. Nos terreiros de

candomblé Nagô e Ketu, ebami é quando uma iniciada já cumpriu as obrigações dos sete anos de "feitura" no santo. Mãe de santo do terreiro Ilê Axé Oxossi Guangoubirá, filha de santo de Oxossi, ela é do candomblé desde muito antes de assumir o trono de rainha do Porto Rico. "O Porto Rico era de Eudes Chagas, pai de Maria de Sônia, que era a mãe-de-santo do terreiro dele. Quando Eudes morreu o maracatu parou, depois fui chamada para ser rainha. Eu não sabia o que era isso", resume. Sua religião a fez seguir os passos de mais antiga e importante rainha de maracatu de Pernambuco, a filha e neta de africanos Maria Júlia do Nascimento, a Dona Santa. Hoje, Elda diz que abençoa toda rainha que a procurar para tal "obrigação". Ressalta porém que, na igreja, como ela, nenhuma das outras será.

"Esperei na escadaria Marivalda chegar, ela veio em um arrastão com o maracatu dela, desde o Pátio de São Pedro. Fizeram um palanque, puxaram uma gambiarra, eu ia levar água benta, mas o padre poderia não gostar. Então só fiz levantar a coroa pro céu e

depois botar na cabeça dela. Raminho queria que eu fizesse o mesmo com o rei dela (Valdir Bernardino, coroado na mesma cerimônia), aí eu disse que com o rei ele mesmo fizesse, pois era coroado no candomblé e tinha esse poder, ele aí me olhou, deu aquele sorriso, e coroou. Pronto, foi assim. Mas eu não podia ficar fazendo isso, a minha foi o cônego Miguel, que depois saiu da igreja, foi coisa muito séria", declara Elda.

O babalorixá Raminho de Oxossi faz coro sobre a importância da sagração das coroas, que devia ser levada mais à sério pelas rainhas. "Isso é um ritual, o maracatu pertence a Iansã, ela é uma rainha de coroa. Dona Santa foi coroada dentro da igreja. Elda foi na igreja, já Marivalda, quando foi, já não podia mais na igreja. Mas é um ritual de rainha de orixá, é um negócio muito sério", diz ele, para quem, a cabeça do maracatu, são a rainha e o rei. (M.A)

